

Vanessa Lago Sari

Aluna do Curso de Letras da UFSM

Bolsista PIBIC

Elaine dos Santos

Doutoranda em Estudos literários UFSM

Bolsista REUNI

RESUMO: Este trabalho apresenta um breve apanhado do material que se encontra disponível, *on line*, relativo à revista *Lanterna Verde*. Como forma de apresentação, optou-se por recompor as noções clássicas a respeito de memória, propostas por Le Goff, ainda que seus textos tenham como base teórica estudos de diversas ciências e sejam apenas a convergência do saber, devidamente organizada. Insere-se, em continuidade, a revista *Lanterna Verde* no contexto cultural de sua existência: o Modernismo brasileiro e a fixação – ou, em alguns casos - a negação das ideias postas pela Semana de Arte Moderna. Na prática, o que se pretende é convidar o leitor a “navegar” nas páginas virtuais e revisitar os ensaios, as crônicas, as poesias publicadas no boletim da Sociedade Felipe D’Oliveira.

PALAVRAS CHAVE: *Lanterna Verde* – Modernismo – Sociedade Felipe D’Oliveira.

ABSTRACT: This paper presents a study about *Lanterna Verde*, a magazine, it finds on line. Of beginning, the study presents a classic slight knowledge regarding memory, proposals for Le Goff, despite its texts have as theoretical base studies of diverse sciences and are only the convergence of knowing, duly organized. In continuity, appears a magazine *Lanterna Verde* and her cultural context: the Brazilian Modernism and a setting - or, in some cases- a negation *Semana de Arte Moderna* ideas. In the practical one, what it is intended is to invite the reader “to sail” in the virtual pages and to revisit the assays, the chronicles, the poetries published in *Sociedade Felipe D’Oliveira* bulletin.

KEYWORDS: *Lanterna Verde* – Modernism – Sociedade Felipe D’Oliveira

Introdução

O advento da internet, que permite a conexão entre diferentes regiões e indivíduos voltados para os mais diversos interesses, possibilitou o resgate de obras literárias, quer sejam romances, crônicas, contos, assim como viabilizou revisitar artigos de crítica literária, ensaios que, em seu tempo, se manifestaram como vanguarda ou reação às inovações dominantes.

Pautados pelo propósito de sociabilizar os dados constantes na revista *Lanterna Verde*, publicada entre 1934 e 1944 pela Sociedade Felipe de Oliveira, os membros do grupo de

pesquisa Literatura e História do curso de Letras da Universidade Federal de Santa Maria lançaram-se à empreitada de copiar e digitalizar aquelas publicações, colocando-as à disposição do público leitor. O resultado deste trabalho está disponível em <http://w3.ufsm.br/literaturaehistoria/index.php/biblioteca-virtual/livros.html>, espaço em que o leitor poderá encontrar ensaios que contemplam Mario de Andrade, Affonso Arinos, assim como uma vasta gama de poesias e outras publicações que enriquecem a literatura pátria, incluindo, evidentemente, parte da produção do próprio Felipe de Oliveira.

Almeja-se que o material já veiculado de maneira *on line* possa suscitar novas pesquisas e enriquecer o acervo de que trata a revista, sendo possível enriquecer o olhar que se lança sobre aqueles anos que transitaram entre a Semana de Arte Moderna, a Revolução de 30, o Estado Novo e não se deixe de acrescentar a Segunda Guerra Mundial. Eis, pois, um contexto rico em que distintas manifestações podem ser reencontradas e sua pertinência para o cânone literário nacional arguida e, quiçá, reconquistada.

No presente artigo, procura-se recompor o papel da memória e a importância que ela representa para a preservação da identidade dos grupos sociais. Países ou sociedades que perderam ou deixaram de preservar a sua memória, configuram-se, na posteridade, como legatários de um mundo em que o obscuro ou a mera barbárie são a nota dominante. Neste sentido, a preservação cultural impõe-se entre aqueles que, na área das Humanidades, sentem-se comprometidos com o saber instituído e com as formas diversas de socializá-lo. Em seguida, procura-se contextualizar o meio de surgimento da revista que, publicada no Rio de Janeiro, sempre manteve seus vínculos com o Rio Grande do Sul e que veiculou não apenas o pensamento dos estudiosos gaúchos, mas dos críticos, dos poetas que se achavam em evidência naqueles conturbados anos marcados pelo Estado Novo e pelo Holocausto. Traçam-se rápidas considerações sobre o conteúdo de duas edições – 1934 e 1944 – como forma de convidar o leitor a conhecer e a desfrutar do material posto *on line*.

II. Memória

A recordação ou a recuperação de eventos passados constitui uma antiga atividade humana quer seja destinada à fixação, à transmissão ou à reprodução de conhecimentos adquiridos pelos diferentes grupos sociais ou de comportamentos biológicos da espécie, competindo à memória, individual ou coletiva, a conservação dessas informações.

Jacques Le Goff afirma que, mesmo nas sociedades que não conheceram a escrita, havia “especialistas da memória, homens-memória: (...) guardiões dos códices reais, historiadores da corte” (Le Goff, 1996, p. 429). Dessa forma, parece clara a preocupação com a história, com o registro daqueles momentos que configuraram a trajetória de um determinado grupo, dando-lhe unidade e coesão. Contudo, não é apenas a história, entendida como um conjunto articulado de fatos, que merece este lugar privilegiado desde a mais remota antiguidade. Ao contrário, gravados na pedra, podem ser encontradas manifestações artísticas que marcaram as transformações que o ser humano enfrentou ao longo de milhares de anos até que se chegasse à comunicação instantânea, nossa contemporânea, e que tem permitido o enriquecimento cultural e a troca de experiência antes impensadas.

Le Goff traça um grande painel da história da memória e, a seguir, apresenta os desenvolvimentos contemporâneos da memória que incluem a fotografia, o cinema, a televisão, a memória cibernética e, a partir dela, a possibilidade de estudo da memória biológica. Nesse período, o estudioso anota as relações que se estabelecem entre as transformações políticas, sociais, culturais ocorridas no século XX e a expansão da memória em campos como a Filosofia, a Literatura e a História. Desde então, a memória passa a ser abordada sob uma nova perspectiva vista como um “comportamento narrativo, que se caracteriza (...) pela sua função social, pois que é comunicação a outrem de uma informação, na ausência do acontecimento ou do objeto que constitui o seu motivo” (Le Goff, 1996, p. 424). Sendo assim, a memória está intrinsecamente relacionada à capacidade humana de fixar, sob diferentes formas, as narrativas – de toda ordem – que protagoniza.

Cumprido, pois, destacar que não se trata de uma memória individual, mas coletiva, conjunto de memórias que constituem uma nação, uma cultura em particular, um grupo social que aja e interaja. Assim sendo, parece possível afirmar que a sobrevivência histórico-social do ser humano relaciona-se intimamente à conservação da memória, perpetua e atualiza costumes, lendas, tradições, acontecimentos humanos que configuram o sujeito e o grupo social. O homem, porém, não recorda isoladamente. O ato de recordar pode sofrer interferências pessoais e coletivas, determinando a conservação ou a omissão de um dado evento. Tornarem-se senhores da memória, conforme Le Goff (1996), tem sido um dos projetos mais almejados pelos detentores do poder, preservar ou não determinados fatos, sonegar à posteridade quer seja a possibilidade de conhecer, quer seja o risco de desconhecer a história, o pensamento que orientam os grupos sociais, configura-se, pois, como uma forma de domínio, diga-se de passagem, cruel. Neste aspecto, cumpre destacar os estudos

empreendidos por Halbwachs (1990) que se dedicou aos mecanismos de conservação da memória social, procurando demonstrar a relevância do círculo social, das questões político-econômicas, das tradições e costumes, enfim, dos interesses do grupo, no processo que desencadeia a recordação.

Assim posto, aqueles comprometidos com o arcabouço cultural que move o nosso povo não podem sonegar a sua responsabilidade de legar aos pósteros todas as formas de resgatar o passado com o fito de conhecê-lo e, talvez, desvendá-lo naqueles aspectos que escapou àqueles que lhe precederam.

É lícito ainda postular que se a memória é fonte de dominação, a sua conservação, de cunho coletivo, pode sofrer a interferência deste domínio, mas escrita, a memória perpetua-se e da recuperação do pensamento, das formas de viver, das reflexões, das discussões, podem emergir novas alternativas para visualizar o mundo em toda a sua multiplicidade.

III. O Modernismo brasileiro e as revistas literárias

Realizada a Semana de Arte Moderna, em São Paulo, em fevereiro de 1922, era preciso divulgar e reafirmar os ideais propostos por seus idealizadores. Neste sentido, Bosi (1995, p. 340) anota:

A Semana foi, ao mesmo tempo, o *ponto de encontro* das várias tendências que desde a I Guerra se vinham firmando em São Paulo e no Rio, e a *plataforma*¹ que permitiu a consolidação de grupos, a publicação de livros, revistas e manifestos, numa palavra, o seu desdobrar-se em viva realidade cultural.

Trata-se, pois, de um rico movimento que enseja a continuidade e, como tal, a divulgação e, se possível, a consolidação das propostas que, a princípio escandalizaram São Paulo, afinal, era preciso marcar posição de forma que as novas concepções artísticas fossem constantemente revistas pela população, ou, mais especificamente, pela intelectualidade brasileira. O autor prossegue:

Paralelamente às obras e nascendo com o desejo de explicá-las e justificá-las, os modernistas fundavam revistas e lançavam manifestos que

¹ Grifos do autor.

iam delimitando os subgrupos, de início apenas estéticos, mas logo portadores de matizes ideológicos mais ou menos precisos.

Em maio de 1922, expressão imediata da Semana, aparece *Klaxon*, mensário de arte moderna, que durou nove números, precisamente até dezembro do mesmo ano, com páginas dedicadas a Graça Aranha (BOSI, 1995, p. 340).

Inegável é a precedência da revista *Klaxon*, assim como o são as novidades implantadas como o seu aspecto gráfico e o conteúdo veiculado.

Na esteira da *Klaxon* e com caráter também efêmero, novas publicações surgiram pelo país, como foi o caso da revista *Estética*, lançada no Rio; a *Festa*, também carioca, que agrupou, nos dizeres de Bosi (1995, p.343), grupos “hesitantes entre as novas liberdades formais e a tradição simbolista”. Além delas, nos distintos estados da federação, foram organizadas revistas como, no caso mineiro, *A Revista*, de 1925, e a revista *Verde* (1927).

Cumprir ainda referir, no propósito de consolidação das ideias modernistas propostas pela Semana de Arte Moderna, os diferentes manifestos que, conforme sentença Bosi (1995), acabaram por assumir, ademais, conotações políticas, como foi o caso exemplar do Integralismo. Entre os mais conhecidos, estão Manifesto Pau Brasil, Manifesto Verdeamarelo e Manifesto Antropofágico que, a seu modo, influenciaram a literatura brasileira.

No caso gaúcho, Cida Golin (2007) cita a revista *Madrugada*, cuja existência não superou o período de três meses. “Na década de 20, quando surge *Madrugada*, Porto Alegre era o centro econômico e político do terceiro Estado brasileiro mais industrializado, ligando zonas de produção e portos comerciais nacionais e estrangeiros” (GOLIN, 2007, p. 106).

A revista *Lanterna Verde*, publicada no Rio de Janeiro, pela Sociedade Felipe de Oliveira, parece não ter fugido a sina da efemeridade que marcou a maioria das publicações do período. Saindo, pela primeira vez, em 1934, a revista não teve vida longa, apesar disso, reuniu intelectuais de alto quilate, cuja contribuição, ainda hoje, lhe confere lugar destacado na cultura nacional.

IV. A revista *Lanterna Verde* – material on line

Os números reunidos e disponíveis da revista, que se encontram no sítio <http://w3.ufsm.br/literaturaehistoria/>, incluem publicações nos anos de 1934, 1935, 1936,

1937, 1938 e 1944. Ainda que a conservação física do material não seja de alta qualidade, na página virtual, é possível ler a íntegra dos textos.

Em função dos objetivos propostos para o presente artigo, selecionou-se a abordagem da edição inaugural de maio de 1934 e a edição de 1944, portanto, dez anos depois. Cumpre, neste aspecto, destacar a falta de periodicidade regular da revista e, em razão disso, a opção pelo primeiro e pelo último números disponíveis.

Na revista *Lanterna Verde*, em sua edição de número um, o primeiro texto é o prefácio, elaborado por Felipe de Oliveira para o livro que tencionava publicar: *Livro Posthumo*. O texto em questão data de 1925 e constitui, na prática, uma explicação concernente ao seu projeto. Sob determinado aspecto, este prefácio não deixa de lembrar a obra de Machado de Assis que, didaticamente, inaugura o Realismo no Brasil: *Memórias Póstumas de Brás Cubas*.

Outro texto que chama a atenção, na edição de 1934, é “Capítulos inéditos do livro de Luc Durtain, *Imagens do Brasil e do Pampa*”, versão de Ronald de Carvalho. Leem-se, nos fragmentos disponíveis, surpreendentemente, cenas da Bahia e do Rio de Janeiro, frustrando o leitor que, por acaso, procure, naquelas páginas, imagens do pampa. Surgem, ainda, considerações críticas sobre Graça Aranha e um texto de Jorge Amado: “Apontamentos sobre o romance moderno no Brasil”, assim como escritos de Manuel Bandeira, Jorge de Lima.

A revista ainda abre espaço para a escultura, para a arquitetura e para a pintura. Encontram-se reproduções e comentários sobre a obra de Tarsila do Amaral e Caringi. A produção musical de Debussy é enfocada por Tina Canabrava, assim como o teatro brasileiro é tema de um texto produzido por Alvaro Moreyra, em que o autor louva a viagem que a Literatura permite ao leitor ou ao espectador.

A edição número 8, publicada em 1944, traz, logo em seu início: “É um pouco do Rio Grande do Sul parado aqui nestas páginas / O ar da terra, o jeito da gente (...)”.

Um dos aspectos curiosos que se observa na referida edição é a listagem dos membros da Sociedade Felipe de Oliveira e que inclui os nomes, entre outros, de João Neves da Fontoura, Afonso Arinos, Assis Chateaubriand e Manuel Bandeira, todos submetidos às normas da Sociedade que eram publicadas ao final de cada edição.

Entre os textos que merecem destaque, pode-se mencionar “O Rio Grande do Sul da independência aos nossos dias”, assinado por Walter Spalding, que traça um detalhado painel da história do estado mais meridional do Brasil, em que ganha relevo, como de resto em todas as histórias que se postulou escrever sobre o nosso estado, a Revolução Farroupilha e suas

relações com o poder político e econômico emanado da Corte, aliás, dado que é reiterado em “A estância e o espírito militar na formação do Rio Grande do Sul”, texto de Souza Docca.

O foco principal da edição é, pois, o Rio Grande do Sul. O leitor que se aventurar por suas páginas, nelas, encontrará textos variados, da crônica, da crítica sul-rio-grandense assinados, entre outros, por Vianna Moog, Reinaldo Moura, assim como poemas de Vargas Neto, Teodomiro Tostes, Paulo de Gouvêa, Lila Ripoll.

Textos como “Naquele tempo em Porto Alegre”, de Alvaro Moreyra, convidam a analisar as ideias, as crenças, os valores defendidos pelos artistas, quer gaúchos, quer do centro do país, que colaboravam com o boletim editado pela Sociedade Felipe D’Oliveira. Assim sendo, o que se postula é apresentar o material que se encontra disponível na página virtual já referida e convidar pesquisadores para que se debrucem sobre as páginas da revista *Lanterna Verde*, revisitando o ideário modernista – afirmado ou negado em suas páginas – assim como se aproxime de um tempo e de uma sociedade marcada pelo Estado Novo, pela Segunda Guerra Mundial, mas que, ainda assim, não deixou de se preocupar com a cultura.

Desnecessário parece ser que se reconheça a importância de Felipe de Oliveira para a cultura pátria e, em especial, para a cultura gaúcha, fato que, por si só, já demandaria interesse pelo material publicado.

Considerações finais

A continuidade cultural de um grupo humano é determinada pelo empenho de seus membros em preservar esta cultura – seus costumes, suas crenças, suas ideias. Conforme postula Le Goff (1996), desde as sociedades que desconheciam a escrita, a preocupação com a conservação da memória tem sido uma constante, de tal forma que se atribuía aos indivíduos mais velhos, além do papel de agregador da tribo, a capacidade de preservar e recontar as histórias e os saberes de ofício que davam identidade ao grupo.

Em um país, o Brasil, cuja memória, costumeiramente, é considerada curta, quando não inexistente, aventurar-se no propósito de preservá-la parece ser uma atividade que se opõe ao contexto dominante. Porém, diante de um material que vem se deteriorando pelo tempo e pela má conservação, seria um contra senso negar o acesso de todos às publicações ensejadas entre 1934 e 1944 pela revista em questão. A tarefa de escaneá-la, digitalizá-la e organizá-la de modo a permitir que o leitor possa folheá-la, demandou tempo e dedicação, mas o

resultado já se encontra disponível, ainda que, nas edições originais, algumas páginas não existam.

Contudo, o leitor, que visitar a página virtual, encontrará rico material que expressa as ideias reinantes naqueles anos em que a publicação e a efemeridade das revistas eram nota dominante, mas em que havia uma urgência em registrar o pensamento, a crítica de uma sociedade que fora abalada pelos ideais estéticos da Semana de Arte Moderna, em 1922, e que, em continuidade, sob o influxo da quebra da Bolsa de Nova Iorque, em 1929, da Revolução de 30 e da chegada de Vargas ao poder, assistiu o cerceamento da liberdade de expressão imposta pelo Estado Novo e as atrocidades do nazi-fascismo que varreu a Europa durante a Segunda Guerra Mundial. Neste particular, um estudo mais acurado parece exigir que se busque, nas referidas revistas, o comprometimento – ou não – dos seus colaboradores com as causas políticas e econômicas vigentes nos anos 30 e 40 do século passado.

Além disso, é importante referir o material que se encontra disponível no tocante à poesia, abarcando uma gama variada de autores e temas que merecem uma análise detida da sua relevância no contexto de sua produção e junto à posteridade, posto que, entre os autores, cujos versos se encontram na revista, estão nomes reconhecidos – e outros, não – da nossa literatura. Significativo, ademais, é encontrar manifestações, por exemplo, de Jorge Amado, prosador consagrado pela posteridade, a exercer o papel de crítico, o que permite ao leitor contemporâneo identificar facetas de artistas que exerceram a crítica, assim como textos de críticos que, vez por outra, ousaram em suas produções literárias. Desta maneira, as páginas da revista *Lanterna Verde*, agora, digitalizadas, propiciam um instigante diálogo entre o mundo contemporâneo e os anos em que ela foi redigida e publicada, imiscuindo-se nas ideias daqueles homens – e algumas mulheres – que construíram, ou, no mínimo, fazem parte da nossa história cultural.

Referências

GOLIN, C. e RAMOS, P.V. “Jornalismo cultural no Rio Grande do Sul: a modernidade nas páginas da revista *Madrugada* (1926)”. **Revista FAMECOS** • Porto Alegre • nº 33 • agosto de 2007.

HALBWACHS, M. **A memória coletiva**. São Paulo: Vértice, 1990.

LE GOFF, J. **História e memória.** 4 ed. Tradução de Leitão. Campinas: Ed. da UNICAMP, 1996.